

## PREFÁCIO

De nome, naturalmente, fazia tempo, um bom tempo, que eu conhecia Abdias do Nascimento, quando, certo dia, nos encontramos pela primeira vez em Nova York. Estivemos juntos por horas conversando em torno do nosso exílio, das nossas esperanças, dos nossos projetos. Do que fazíamos naquele momento, ele, nos Estados Unidos; eu, no Chile.

O exílio foi sempre um tempo, em qualquer espaço, para encontros, até então irrealizados, entre muitos de nós. Montevideo, Santiago, La Paz, Toronto, México, Bissau, Nova York, Berlim, Estocolmo, Paris, Jenkera, Londres - diversificada e extensa geografia - foram alguns destes espaços que mediatizaram muitos destes encontros. Encontros que eram, quase sempre, como se fossem re-encontros de velhos amigos e companheiros. E em que ora "curtíamos" uma saudade "maua" do Brasil, ora sentíamos com relação a ele o mesmo que Umansino com relação à Espanha, quando um dia ele disse: "A Espanha me doi". O Brasil nos doía ou tem e continua a nos doer hoje, profundamente.

A segunda vez em que nos encontramos, Abdias e eu, foi em Dar-es-Salaam. Sentados, estivemos de novo, por longo tempo, naquela vez, numa praça do agradável campus da Universidade de Dar, conversando sobre a África, sobre as marcas profundas que dela recebemos; sobre a arrogância branca negando, desdenhando, minimizando ou distorcendo o valor daquelas marcas.

Não sei se, naquela conversa, cheguei a dizer a Abdias o quanto a minha primeira visita a Togoânia me tinha tocado, quanto me havia possibilitado um reencontro comigo mesmo.

O nosso terceiro encontro, no tempo ainda do exílio, se deu uma vez mais em terras de Africa. Bissau foi o sítio em que elle ocorreu.

Em todas estas oportunidades, Abdias era o mesmo intelectual comprometido, o mesmo artista criador, a mesma sensibilidade inquieta.

Seu pratica confirmando sempre o seu discurso.

A sua poesia, tão amena quanto forte, é a expressão também do seu engajamento fundamental. Nada neste livro bonito nega ou contradiz a sua forma de estar sendo no mundo - nada nega as suas raízes que lhe dão vida e autenticidade.

"leito de sangue negro  
emudecido no espanto  
clamor de tragédia não esquecida  
crime não punido nem perdoado  
queimam minhas entranhas."

Paul Freire

Perdezes  
outubro, 1981.